

4468

1635

1

Funai

Advogado assume a Funai

BRASÍLIA - Júlio Geiser, 39 anos, advogado especialista em direito ambiental, agrário e indigenista, é o novo presidente da Fundação Nacional de Índio (Funai) em substituição ao historiador Márcio Santilli, que pediu na quinta-feira da semana passada. Geiser estava até ontem lotado na Câmara dos Deputados como assessor parlamentar da Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias.

Informalmente, Geiser também já vinha prestando assessoria ao ministro Nelson Jobim (Justiça), ajudou, inclusive, a escrever o decreto 1.775 que alertou as regras do decreto 22 do governo Collor sobre demarcação de terras indígenas. O novo decreto, contestado por várias Organizações Não Governamentais (ONGs), abre a brecha para a revisão, na prática, das demarcações das áreas indígenas.

Antes de trabalhar na Câmara, como funcionário concursado, Geiser dirigiu, entre 1977 e 1986, a Associação Nacional de Apoio ao Índio, uma ONG. De 1986 a 1991 trabalhou com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) na escolha do novo presidente da Funai por Jobim, deve ser publicada hoje no "Diário Oficial da União". O principal problema do novo presidente será enfrentar a ação dos ex-funcionários da Funai que controlam, como assessores informais, os negócios dos índios - exploração madeireira, garimpos etc.

■ ACUSAÇÕES - O ex-chefe de gabinete da fundação Jorge Pozzobon acusa o ministro da Justiça, Nelson Jobim, de ter retido recursos destinados à Funai. Em seu pedido de demissão, encaminhado segunda-feira ao Ministério da Justiça, Pozzobon aponta o ministro Jobim como responsável pela penúria financeira em que se encontra a Funai.

Segundo Pozzobon, o ex-presidente Márcio Santilli conseguiu suplementações financeiras junto ao Tesouro Nacional para tentar resolver os problemas na Funai, que o ministro Nelson Jobim destinou a outras finalidades. "De um total de R\$ 5, milhões, a Funai recebeu apenas R\$ 300 mil", acusa Pozzobon, mostrando que a Funai vem trabalhando em situação de emergência.

"Estamos entrando na época das cheias no cerrado. Nessa época, as crianças xavantes costumam ter crises de diarreia e muitas morrem se não há assistência médica", afirma o ex-chefe de gabinete de Márcio Santilli. Pozzobon lembra que a Funai poderia ter comunicado aos xavantes que estava sem dinheiro para promover ações de saúde porque o Ministério havia retido a maior parte das verbas. "Não o fizemos por lealdade", afirma.

Pozzobon acusa os "grupos organizados que há muitos anos se apoderaram da Funai" e que querem se manter em cargos de confiança a todo custo.